



QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 19 de Abril -- 1928

5 TOSTÕES

2.º ANO



Este numero foi visado pela Comissão de Censura

100

sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O CENTENARIO DO «SEMPRE FIXE»



Com umas escoras destas, tem sido um verdadeiro prodigio de equilibrio!

St. Valença



Os ditos da semana



O nosso Centenario

Este é o numero do nosso centenario. Nascido ha dois anos, o *Sempre Fixe*, viveu já um seculo como certos rapazes que viveram em trinta anos uma vida completa de sessenta ou setenta. A vida não se conta pelas horas que os relógios marcam, mas pela intensidade com que elas se vivem. Assim, o *Sempre Fixe*, menino e moço, que ha dois anos veiu á luz da publicidade, tem visto coisas, tem feito coisas que bem justificam a festa do seu centenario,—os seus 100 numeros, azougados e graciosos, fazendo rir uma população inteira. Como todas as crianças traquinas, tem causado dissabores a muita gente, porque o *Sempre Fixe* não se importa de trepar pelas pessoas acima, amarrotando-lhes os colarinhos e puchando-lhes pelos bigodes, pondo rabos de papel a certas reputações enfiadas e consagradas, e dando pançadinhas de troça nos burguezes ridiculos, nos literatos falhados, nos politicos sem meritos, nos artistas sem talento, tomando á sua conta todos os assuntos palpitantes que a asneira nacional traz ao caso do dia. O que nós temos visto!

Vimos politicos que não faziam politica e vimos fazel-a por quem não era politico. Vimos discursos de 48 horas

no Parlamento e vimos um Parlamento sem discursos nenhuns.

Vimos cronistas de viagens fazer critica teatral, e vimos criticos de teatro naufragar no mar alto.

Vimos subir as saias das mulheres, vimos subir o cambio, vimos subir o custo da vida e vimos subir reputações, quando a moral, os bons costumes e o bom senso os mandavam descer.

Vimos a ponte sobre o Tejo e o Parque Eduardo VII,

o monumento da Guerra Peninsular e a iluminação das ruas, o Palacio da Justiça e o Arsenal do Alfeite, e equilibrio orçamentai e a riqueza publica, o pão com serradura e o bacalhau a pataco, vimos tudo isto... no papel e na aspiração de toda a gente e não se pode dizer que em cem anos tivéssemos visto pouca coisa.

Vimos... vimos tanta coisa que se não pode dizer e vimos-nos em riscos de nem isto poder dizer, porque, quan-

do adrega, levamos cada la- nho que o *Sempre Fixe* fica todo a sangrar, sentindo correr-lhe pelo rosto o sangue azul do lapis da censura...

E o que nós ainda havemos de vêr!

Havemos de vêr tudo o que já foi visto e quando festejarmos o nosso segundo centenario, poderemos escrever outra cronica como esta, dizendo exactamente as mesmas coisas, fazendo as mesmas queixas, porque os habitos velhos não se perdem e alguns novos maus habitos que se adquiram, deixar-se-hão envelhecer para que tambem se não percam.

Ha quem julgue que o *Sempre Fixe* não chegará ao segundo centenario, não por falta de favor do publico, mas porque, segundo diz um sabio americano, o mundo está quasi a acabar.

Mentiras. Calunias, em que só acreditam os poderes publicos para não mandar tapar os buracos das estradas, empregando o peregrino argumento:

—Como isto é para acabar, não vale a pena!

Mas o mundo não se acaba, nem o governo consentia em semelhante coisa. O mundo é como nós—*Sempre Fixe*, e o mundo, como o *Sempre Fixe*, continuará a repetir eternamente os seus centenarios.

Luna de Oliveira



«Viriato» e «Infante Santo» — dos Herminios a Tanger e sempre Guerreiro e monge. Por vezes anda na luna, mas o «Sempre Fixe», qual raminho de Oliveira, lembra-lhe que o Infante seu protagonista esteve a ferros pela Patria e foi Santo porque soube resignar-se



— O sr. guarda pode-me dizer até que ponto me posso considerar peço?



O ferreiro que, por falta de trabalho, entrou para uma sapataria.



Ganhar a vida

A esquina duma das ruas transversais da Avenida da Liberdade estava esmolando; quasi todos os dias, um mendigo côxo, de falo esfarrapado e barba de muitos dias, o qual causava dó a todas as pessoas sensíveis que passavam, pelo seu ar de sofrimento; de maneira que, condoídas pela sua sorte, iam-lhe largando nas mãos de duvidosa côr o seu obulo.

O policia da area, inquietado pela visinhança do pedinte, visinhança que é proibida por lei, e parecendo-lhe que ele simulava ser côxo, um dia dirigiu-se-lhe:

- O que é que o senhor faz aqui?
- Peço esmola.
- O senhor está autoado. Não sabe que é proibido pedir esmola sem autorização superior?
- Sei, sim, sr. guarda, mas não me multe porque a minha vida não é bem esta...
- Então, o que é a sua vida?
- Sou publicista; sou o autor das «Mil e uma maneiras de ganhar dinheiro».
- Nesse caso, porque pede esmola?
- Porque é uma das mil maneiras...

PENSAMENTOS

Pedindo mil perdões a Mario Quintela por me intrometer tão abruptamente no seu genero de pensador por transmissão, vou deixar a curiosidade dos leitores do *Fixo* uma pequena serie de pensamentos diversos de varios homens conhecidos e marcantes em diversos meios:

A agua é um mito. — Brito Camacho.

A luva não faz o homem. — Alfredo Pimenta.

O verso é muito, mas o inverso é tudo. — J. Maria Ferreira.

Se madame X me quizesse ouvir, dir-lhe-la agora que o «Moka» é o melhor. — Julio Dantas.

Na penumbra exquisita dos bosques se sonha a virtude quimerica dum destino. (?) — Leonardo Coimbra.

Santo Deus! Salvemos o demonio que se suicida. — Lino Neto.

Soberba visao! Nuno Alvares em traje de guerreiro, a espada erguida sobre um castelhano que se curva... que bem ficaria numa praça de Madrid. — Antonio Ferro.

A «nuestras hermanas» o que seja de «nuestros hermanos» ou... amigos... estatuas á parte. — Joaquim Manso.

Pensar pelos que pensam já é pensar. — Mario Quintela.

Adaptou

C. Rano.

TAC-TAC-TAC

As duas manas

Tomé Estalfas era um homem de bem que, em doze anos, tinha feito doze filhos. Não se orgulhava do feito, antes, modesto, costumava dizer, a rir, quando pela prole o cumprimentavam:

— Todo o merecimento é da Cristina.

Ora se a Cristina, que assim se chamava a mulher de Tomé, tinha algum merecimento era sobretudo pela virtude de ter conservado os doze, seis rapazes e seis raparigas, sem perder nenhum, porque, de resto, como ela dizia, atodo o valor do caso pertencia ao pai». Era na realidade o cumulo do bom senso.

Tomé pertencia a uma velha familia de salsicheiros e, como bom tradicionalista, ele proprio exercia essa profissão, e tão conscienciosamente que dum porco não deixava aos curtidores mais que a pele transparente. Assim prosperava nos seus negocios e criava os filhos que era vê-los robustos e risonhos, escalados como os tubos dum orgão, desfilar em domingo deante da Aldeia dos Macacos, no Jardim Zoológico.

Cristina, farfalhada e contente, sabia muito bem para que casara e com quem casara. Por isso, a despeito dos invejosos, era duma fidelidade perfeita e, como já se viu, duma pontualidade inexcelsível no brinde anual que ela fazia á cristandade.

O mesmo não sucedia no lar da sr.^a Angelica, irmã mais velha de Cristina, que, sendo morena e pouco atraente, casara com um pasteleiro, magro e triste, chamado Euzebio Fuentes, de gente oriunda da Galiza, onde ainda tinha primos não remotos.

Como contraste com sua fecunda mana, Angelica, que não pedira ao casamento mais que a alegria pacifica de ser mãe, via com amargura que essa alegria lhe era negada pelo Destino no longo periodo de treze anos de matrimonio.

Devemos elucidar que não era por falta de vontade de seu esposo Euzebio que tal lhe sucedia. E porque assim era, Euzebio vivia melancolico, enquanto seu contracenado Tomé vivia satisfeito e sorridente.

As duas irmãs amavam-se infinitamente. Educadas juntas por uma terna mãe, nunca a desunião lograra apartá-las nem o casamento as separara, porquanto tudo eram pretextos para que a mais velha viesse visitar a irmã mais nova, brincando com os sobrinhos e sobrinhas, a tal ponto que por vezes até se esquecia do seu lar, da pastelaria e daquele seu marido sem gloria.

— Ah, Cristina, — dizia ela — como deves ser feliz!

Supõe-se bem quais as confidencias que se seguiam.

Quando a irmã teve o duodésimo filho, que, por sinal, era uma pequena lindissima e deliciosa, a pobre tia não pôde mais e, de desgosto, caiu doente na cama.

E ficou tendo tal horror ao marido que o pobre do homem nem se atrevia a entrar-lhe no quarto, nem sequer para a tratar. Ante os olhares com que ela o fuzilava do seu leito, o desgraçado ficava gelado, pregado no chão, á porta do quarto, mudo e quêdo, muito triste porque conservava por ela a mesma ternura profunda com que a ela se unira no hymeneu. Veio o medico e logo torceu o na-

diz, que é como quem diz — pôs o dedo na ferida.

— Você exagera a sua ternura! — segredou ao ouvido do esposo Euzebio. O que a sua mulher precisa é de repouso. Porque é que, com o pretexto dos seus negocios, não se ausenta uma ou duas semanas? Compreende?

Euzebio ficou mais triste, mas obedeceu docilmente ao conselho do medico. E lá se foi para Tuy, a vêr os primos galegos.

Sem querer ouvir a opinião de Tomé, que, a rir e a cantar, fazia sempre o que ella queria, Cristina transportara a sua querida Angelica para sua casa e ali a albergara no meio dos pequenos, num quarto contiguo ao seu. A salchicheira tinha lá a sua ideia e o seu plano.

A pequena Moral mata a grande. Dizia Mirabeau. Escreve-se muito sobre a Virtude, mas parece que se não diz tudo quanto sobre ela se deveria dizer. A virtude é muito relativa aos costumes e aos climas. E, sobre ser eventual, parece que é também muito circunstanciada. Eis o raciocinio de Cristina, quando Tomé, galhofeiro como sempre, entrou em casa, perguntando:

— Então como vai a tua mana, minha anjiquinha? Parece-me que dorme mal, descança desta que traca feura do nosso cunhado foi vêr os rebais dos primos da Galiza.

— Fazes favor de não trocar, Tomé, e volta para os teus couriços. Aqui não há nada que faça rir; a situação é muito grave. Angelica não quer voltar ao lar conjugal e fala em divorciar-se; nem mais, nem menos.

— Isso ha-de ser difficil. Só o Vaticano é que pode resolver esses casos especiais.

— Que se ha-de fazer, Senhor? Tu que és um homem ás direitas, dize-me o que podias procurar o remedio desta situação!

Tomé lançou-se num sofá a rir ás gargalhadas.

— Ha um meio, mas esse...

— Dize qual é, pediu Cristina com toda a inocencia.

Tomé, sempre a rir, segredou-lhe qualquer coisa que Cristina ouviu sobressaltada.

— Ah, obrigadinha, meu Tomé disse ela, beijando-o nas faces reconchudadas.

Tomé (toda a gente o sabia em Braga, onde este caso se passou) era homem de palavra incapaz de faltar a uma promessa.

Quando, no dia seguinte, Euzebio voltou da Galiza, já sua esposa o esperava, solícita e bem disposta no lar conjugal, como nos primeiros tempos do seu enlace.

Voltou assim a paz ao seu coração aflito e o sorriso inundou alacre as faces de sua esposa.

Mas o zenith da sua felicidade atingiu-o ele, quando, mezes depois, Angelica, radiante, lhe mostrou no berço um belo «bambino» roçado e loiro, de que ela, alfim, fóra mãe.

E, quando Cristina a abraçava, Angelica dizia-lhe:

— Ao menos não me invejas este?

E a irmã respondia-lhe, carinhosa:

— Não, minha querida; esse seria o decimo-terceiro, que é mau numero...

Cirano de Velhefrac.

A questão dos painéis

Tambem ha sarampos literarios e artisticos. Estes são bem piores do que os do corpo. O sarampo do corpo creio que dá, quando muito, duas vezes na vida, mas o outro, o da intelligencia, está a repetir-se constantemente. O sarampo dos «painéis», pelo seu contágio e pela sua insistencia, tem sido medonho. Ora se apresenta de côr carregada, ora tem o aspecto duma erupção passageira. Umavez é simpatico, outras é irritante. Umavez pessoas dizem sempre asneiras, mas ha quem diga tambem acertos.

Estamos agora numa crise de bom senso porque anda tudo calado e a voz que se ouve, a voz da cronica sem comentarios, não faz parte da barricada, limitando-se a gramofontizar as opiniões. Era preciso, embora não possa receber a ultima palavra; ainda Albino Lapa recolhe o que sabe e tem a grande superioridade de deixar passar a caravana...

José de Figueiredo jutgou estultamente ter dito, em 1910, a primeira e a ultima palavra. Nem a primeira e afinal nem a ultima. Quinze anos antes tinha falado Joaquim de Vasconcelos. Começa-se a fazer o balanço estatístico da magna questão.

Albino Lapa é Damião de Goes. E o que nos diz ele no seu opúsculo *A questão dos painéis?* Compara-a, na celebridade, á do Sebento á do «Eu e o clero», etc., etc. E' favor. Pelo menos, nesta ultima havia ideias. Na dos painéis ha vaidades, empurrões, intrigas de encruzilhada. Praça da Figueira da arte nacional. Prestidigitacão historico-icnografica. Teem razão sómente... os que teem estado calados! Vamos a vêr. Que monte de criterios! Que aluvião de sabedorias!

E' a feira das vaidades e o Almoço das Pétas. Guerras do alecrim e mangerona da critica artistica. Paradoxo. O terreno é escorregadio. Todos andam a fazer equilíbrios...

Adiante. A estatística é a grande sciencia. Sigamos o interessante trabalho de Albino Lapa. As pessoas que teem falado dos painéis são mais de meio cento; os livros e folhetos publicados são em numero de dez. As revistas contam-se por quinze e os artigos tanto aparecem na *Brofuria* e em *A Caça*, como na *Contemporanea* e *Alma Nova!*

Sobre o caso pálpitante teem falado os periodicos pelo menos cento e cincoenta e sete vezes. Houve já umas treze conferencias e uma cinco comunicacões! Albino Lapa, que é uma das raras pessoas que anda honesta e seriamente tratando do assunto, esqueceu-se, como nota pitoresca, de calcular o papel e a tinta que teem sido gastos. A massa encefalica é quem menos contribuição terá dado.

Estamos em pleno ano bissexto de 1928. Ainda se está por saber quem pintou os painéis; quem são as principais figuras neles representados e qual a data que teem!

Afinal é como se não existissem, quasi!

Quanto ao documento explicativo, sabe-se que o Instituto de Medicina Legal, para contentar gregos e troianos, está a deixar que ele envelheça, para melhor ser autenticado...

Nogueira de Brito.

Bones grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Humorismo no estrangeiro



— Vejo que você não trata do passarinho. Você não gosta de passaros?
— Ora, não gosto. Com arroz então são de primeira ordem.



O arqueologo: — Não ha duvida que é autentica. Mas, depois do que houve em Glosel, não de dizer que esta mumia é uma estrela de revista...



— Se a paciente tolera as provas de resistencia á sogra e ás contas da modista, está em condições de se casar...



Ibsen: — Uma revista, outra revista, um sketch... outro e outro... Ainda bem que morri ha uns poucos de anos, senão diziam que eram obras minhas.

Lições de zoologia

O boi

O boi é um reptil corpulento que se encontra pavorosamente pastando no deserto, onde é pescado e rede.

Ha o boi manso e o boi bravo, mas só este ultimo tem retrato nos periodicos quando mata a esposa a quem apanhou em flagrante delicto de adultério.

O boi, depois de pescado, é feito em postas e servido á mesa muitas vezes com o titulo de vaca.

O animal a que me refiro serve admiravelmente para suscitar conflitos entre a Associação dos Toureiros, o sr. J. J. Segurado e a Sociedade Protectora dos Animais.

A sua cauda serve para espanar e as pontas para ornamentarem os caprichosos maridos infelizes ou para o Zé Povinho chuchar quando as coisas não lhe correm á medida dos seus desejos. Entre outros defeitos que o boi tem, predomina o de possuir oito estomagos e apenas um anus, pelo que muitas vezes só consegue dejectar á força de clisteres.

Morre pacificamente, como um canario belga, sem protestar... nenhuma letra e serve de alimento da população e de ornamento dos talhos.

Entre outras qualidades, possui a de, geralmente, se não importar que a esposa Dona Vaca mantenha relações ilicitas com os seus amigos. E' exactamente por esta razão que tem o nome de Boi.

E' muito pacifico, amigo do seu amigo e só vai á serra quando lhe pregam o par de bandarilhas. Na provincia, antes de o sacrificarem, é utilizado para puxar carros electricos movidos a gazolina e para dar pancadinhas nas pertubancias trazeiras dos saloios que armam em Cadetes...

Recix.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estalanda)



—Mas então esse missionario ainda não está casado?

—Ainda não.

—E dizia ele que a carne é fraca...



—Olga, sr. guarda; é obrigatorio o traje de etiqueta?

Curso tecnico de mecanica automobilista para uso dos futuros volantes

Tambem serve para aprender a locar a rennir e a calcular a percentagem de agua do vinho de Torres «gennino»

Programa oficial desenvolvido das materias sobre que versa o curso:

I CLASSE

Generalidades — Movimentos. A invenção da roda. Rodas de carros e rodas de conventos. Carros romanos, de linhas e alegoricos. Historia dos transportes atravez dos tempos (desde as trirémes ao maxibombo da Gloria, com um «alto aqui!» nos carros do extinto «chora»).

Motores. Motores naturais: moinhos de vento, de café e de paciencia. Ações e noras. Influencia dos fenicios no desenvolvimento das noras. Incompatibilidades entre noras e sogras; noras fenicias e sogras de cabelos cortados. Motores artificiais. Diferenças tecnicas entre a maquina de comboio e a silenciosa Singer. Motores de vapor, de burro e de boi. Relação entre o cavallo-vapor, o burroidem e o boi-aspas.

II CLASSE

Motores de explosão — Seu funcionamento e descrição. Cilindros, cambotas, compotas e cambalhotas. Valvulas, torneirinhas, velas, lampadas e candieiros de petroleo. Do aquecimento dos motores; seu resfriamento: constipações, gripes e «pannes». Razões porque não se emprega a agua de Colonia no resfriamento dos motores. Processos praticos para encontrar as «pannes» com o auxilio de um gancho de trapeiro e um anuncio.

RECREIO

III CLASSE

Electricidade — Noções elementares. Maquinas de produzir electricidade: A mulher electrica. Dinamos, magnetos e espanholas de olhos tortos. Iluminação. Porque é que aquele candieiro da Avenida está apagado aos

sabados. Electricidade comprimida, em pilhas e em contadores. Como se medem os metros cubicos de electricidade. Aplicações da electricidade á ondulação da T. S. F.

IV CLASSE

Carburadores — Para que servem; onde se vendem. Diferença entre um carburador e um pulverizador de Ornan de Coty. Tipos de carburadores e... de carburação. O Senhor da Serra, o S. Martinho e as provas de aguapé.

V CLASSE

Etcoetera... Etcoetra...

VI CLASSE

Noções gerais — Engrenagens. Diferenças entre a caixa de velocidades, a caixa de musica e a «grafonola». Para que servem os carretos que não prestam. Da direcção: comparação entre o sem-fim e cem mil réis (perdão, cem escudos, isto é, «teso»). Freios: tambores de freio, de guerra, tambor um caixa de rufo o outro. Colares de fricção, tinto e branco. Embrayagens que patinam. Como se convence uma embrayagem que é feio e perigoso andar a patinar nas ruas.

Regras basilares para a boa condução dum auto, para fugir ás multas, para matar galinhas sem dor, para atropelar sem ser atropelado, sem rede e com musica de camara, etc., etc.

Recebem-se inscrições nesta redacção. Aula especial para senhoras, com croquettes, chá das cinco e frasquinhos de sais nos «sustos» dos cruzamentos.

Não são admitidos menores nem individuos com doenças contagiosas ou falta de membros.

José Climaco



Como se não lhe bastasse ter comido um cabaz de morangos, deram-lhe uma ceia de rosas de Portugal,

Elevador da Gloria

Tifoide, febre, dores agudas. Medico, enfermeiras, cuidados, vigilantes. Noites interminaveis, cheiro a remedios. Murmurações. Esperanças, lagrimas, sorrisos. Por fim—a convalescência.

O doutor: — Pode receber algumas visitas. Sempre se distrai um pouco.

Madame Santos, 14,30:—O que é preciso agora é defendê-lo do frio. Conheci uma rapariga, da sua idade, que estava tambem em convalescência. Apanhou uma corrente de ar que a matou em menos de dois dias.

O tio, 15 horas: — Mas tu tens uma cara magnifica! Ninguém dirá que acabas de sair duma doença grave. Bem sei que esse aspecto não quere dizer nada. No dia em que a minha avó morreu, tinha uma cara esplendida. Riu, conversou e, de repente, — zás! — revirou os olhos e morreu.

O sr. Silva, 15,30: — Ah! meu querido amigo! Queria estar no seu lugar. Os meus negocios vão de mal para pior. Agora os impostos!... Para que serve viver?

A prima Alice, 16 horas: — Então não estás melhor? Cada vez pior... Tenho uma perna tolhida pelo reumatismo. Já não posso andar. Se soubesses o que sinto no estomago?! Dóres e mais dóres.

O sr. Joaquim, 16,30: — Tive exactamente o que você teve. Level mais de dois meses a pôr-me em pé. E' uma massada! Nunca se fica bom de todo. Ainda hoje soffro.

Uma outra prima, 17 horas: — Pobre primo, ainda não está curado! Estou muito apreensiva. Deve soffrer horrivelmente do estomago. Em que estado devem estar aqueles intestinos.

O doutor: — Esta noite tem mais febre. Recebeu muitas visitas? Não o teriam fatigado?

A familia: — Não. Nem por isso. E depois, sr. doutor, a unica maneira de distrair um pouco é conversar com ele.



Em 1928 os sabios não souberam decifrar o enigma de Glozel. No ano de 2.000 o problema continuava como em 1928. Em vista disso, seguiram as investigações. Até que no ano de 2028, um sabio da Sourbone assegurava que o achado tinha, pelo menos, 100 anos.



—Que fizeste do teu cão?
—Troquei-o. Este harmoniza-se melhor com os moveis.

O catecismo do "snob" Uma exposição

Clement Vautel, fez um dia o catecismo do snob. El-lo, nas partes de teatro e politica, adaptado á nossa terra:

TEATRO

- Pergunta**—Gosta de teatro?
Resposta—Sim, contanto que seja muito literario.
- P.**—E onde verifica y. essa qualidade?
R.—Uma peça é literaria, quando não faz rir, ainda que lhe chamem «farça». Tambem não é literaria, uma peça que faz chorar. Ela deve, unicamente, fazer pensar.
- P.**—Em que?
R.—Aborreço-me e, portanto, penso... E' verdade que, ás vezes, noutra coisa, mas...
- P.**—Que ideias formam, de ordinario, uma peça literaria?
R.—Uma peça literaria deve conter uma larga parte do subconsciente?
- P.**—O que é o sub-consciente?
R.—E' o desdobramento da personalidade. Por exemplo: o meu Eu n.º 1 ouve uma peça muito literaria e o meu Eu n.º 2 diz:—Vamos antes acabar a noite no «Bristol». Existe tambem o «froidismo». Uma peça literaria sem «froidismo» não é literaria.
- P.**—Mas o que é «froidismo»?
R.—E' um sentimento complexo e ao mesmo tempo natural que dá aos filhos o desejo de se deitar com a mãe; que incita os pais a deitarem-se com as filhas; aos irmãos e ás irmãs o divertirem-se juntos em certos lados, etc., etc... O Edipe chamava a isto «fatalidade»!
- P.**—Que pensa V. duma peça onde um marido se deita unicamente com a sua mulher?
R.—E' uma peça burguesa, despida de literatura.
- P.**—Gosta das inversões sexuais em scena?
R.—São indispensaveis no teatro de arte.
- P.**—Porquê?
R.—Porque fazem pensar.
- P.**—Em que?
R.—Em muita coisa...
- P.**—Qual é o teatro de arte onde V. viu a melhor comedia inspirada por uma dessas inversões sexuais?
R.—A barraca das farturas, no Parque Mayer.
- P.**—Qual é o maior autor dramático contemporaneo?
R.—Pirandello.
- P.**—Depois dele?
R.—Pirandello.
- P.**—Por fim?
R.—Pirandello.
- P.**—Mas cite-me em todo o caso um outro.
R.—Bernard Shaw.
- P.**—Um grande autor portuguez?
R.—Não conheço.

POLITICA

- P.**—Qual é a sua opinião politica?
R.—Sou comunista.
- P.**—Porquê?
R.—Porque é uma opinião elegante, divertida e original em casa dum burguez rico.

L. F.



—Esbofetel-o durante uma hora e o senhor esteve sempre sorrindo. Quem é o senhor?
—O arbitro de Stoccolmo.

que vai ser um grande triunfo

Amarelhe revela-se um artista moderno e originalissimo

Amarelhe, nome consagrado da caricatura portuguesa, vai dar o que se pode chamar um grande salto na sua vida de artista e firmar definitivamente uma reputação, aliás já revelada em inumeros trabalhos de valor.

Não é a nossa amizade ou a circunstancia de Amarelhe ser da nossa camaradagem que nos leva — seria excessivo e por isso afrontoso — a afirmar que a proxima grande exposição Amarelhe no teatro Nacional, no proximo sabado, constituirá um dos acontecimentos de Arte deste ano, e nesse acontecimento um triunfo enorme para o artista, que ha tanto tempo, com grande modestia e probidade, trabalha a caricatura pessoal e se afirma um dos mais fortes homens do nosso humorismo.

Amarelhe apresenta uma Arte vibrante e bela, excedendo a sua modalidade, e expõe cerca de duzentos quadros, alguns dos quais são maravilhas de bom gosto, de delicadeza, de sentimento de beleza moderna, conjugação de verdade e da caricatura, e até trabalhos de genero serio. Escritores, artistas, actrizes, actores, jornalistas, homens publicos, autores dramaticos, emprezarios, pessoas de sociedade, nomes consagrados na vida moderna — centenas de retratos, de caricaturas, de charges, de apontamentos de beleza, que cabe dentro do humorismo de bom gosto — por vezes em delicadissimas *trouvailles*, — tudo Amarelhe exporá, numa galeria que vai ser um triunfo para o seu nome e uma grande satisfação para os seus amigos.

De um anuncio duma loja de fazendas

- Mantas para senhoras quadradas sem direito nem avesso.
- Toucas para senhoras lisas.
- Camisas para senhoras de dormir.
- Babadores para creanças de fustão.
- Meias para senhoras cruas.
- Chapeus para homens de palha.
- Gravatas para homens ás riscas.

Fleugma britanica

Lord Hamilton, tendo-se embriagado numa hospedaria, assassinou o criado da casa. O patrão correu aflito, gritando:
— Que fizeste, milord? Então assim se mata um homem?
— Meta na conta — tornou fleugmaticamente o lard.

PRIMA VERA



70 abaixo de zero...



A vida de critico cinematografico tem sido um vale de lagrimas; agora é uma maré de rosas. As exhibições metahdomadarias — isto quer dizer: para além duma semana — pegaram como vacinas, que pegam. O Odeon bate todos os records, com aquela fitissima da Grande Parada, parada que afinal nunca mais pára, e a que se pode muito bem chamar a Agua-Pé do cinema. O Olimpia, succedendo aos quinze dias tivolianos de Beau Geste, celebre nos annals da tela, por obrigarem certos habitués a uma semana de jejum, reexibe a obra-prima de Herbert Brenon, em que o Noh Beery, entre duas tesouradas, conversa com os mortos que e uma coisa por demais, mas muito melhorada, com quadros novos de Renda, Serra e Amancio. E o São Luis, apesar dos maus prognosticos, la metropolizou o publico, a dez escudos por cabeça, durante treze fatuosos dias.

Metropolis, como o nome indica, é uma fita com muitos metros, tantos que até se podia chamar *Kilometropolis*. E o kilo sempre indicava que a fita demandava peso e pesa como todos os diabos. O autor da gracinha foi o Fritz Lang, de colaboração com a D. Théa, sua dignissima esposa. Não lhe gabamos o bom entendimento domestico, porque santos de casa não fazem milagres, e ás mulheres, para santos, falta-lhes muito. Houve quem achasse no filme instintos *bolchavaquistas* e cortasse a torto e a direito... na casaca do realizador. A fita é da Ufa, mas vale bem mais que isso. O Raul Lopes Freire é que a pagou, mas não Ufa...

Quando abriu o pano, isto é: quando não abriu o pano, pelo menos para alguns cinéfilos da geral, começaram a aparecer uns quadradinhos brancos, mais uns quadradinhos pretos, mais uns risquinhos cinzentos, tudo aquilo a mecher como se estivesse vivo. Apareceu o nome pela segunda vez e, logo a seguir, uma data de maquinas escangalhadas e uma cidade muito parecida, com luzes a amarinharem pelos arranha-ceus acima e outras luzes a desamarinharem pelos arranha-ceus abaixo, tudo tam bem feito que até houve quem reclamasse um cicrone para visitar as avenidas novas. Vieram depois muitos operarios, todos de luto, porque lhes tinha morrido o avô, vítima de uma grande maquina, destinada a fabricar agua a ferver, a maquina M. inicial a que é melhor não atribuir nenhuma significação. Depois, num contraste lancinante, apareceu um quadro velho da revista do Maria Victoria, com a Lina Demoiel a cantar *As Rosas*. O Blanch *tez-se blanch* como a cal da parede, porque o Hupertz se tinha esquecido de intercalar *Valencia* na partitura, mas a coisa passou sem reparo, por aparecer Brigitte Helm, que, apesar de tam novinha, já trazia uma cabazada de meninos, todos a cantar o *O' escolas semeat*. O Freder até fica gago e, depois de ir á cave confraternizar com os operarios, vai cravar o pai, que lhe não dá nenhuma confiança e muitos menos massa. O rebento desata a correr pela cidade fóra e...

Aqui é que começa o drama. Vem o Grot fazer queixinhas ao patrão; vem o Rotwang, que é maluco, apresentar ao respeitavel publico um automato de sua invenção e que, mais tarde, cederá gentilmente o lugar a D. Brigitte, que tam depressa é Maria como é Bruxa e que vê uma bruxa em ambos os papéis. Não serci eu que cafa a contar *tim-tim* por *tim-tim* aquele grande sarilho; mas, sintellizando, direi que *todo* aquele arranginho se escangalha, os maus morrem, os bons ficam, o automato arde como um homem... de automatos; que centre o cerebro e as mãos deve estar sempre o coração, que «a mulher ou a sardinha quer-se da mais pequenina» e que «a burro morto, cevada ao tabo». *Quod est, est.*

Retardador.

Sortes grandes?

só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Raquel, Abraão e Jacob

Tragi-comedia post-biblica em 3 quadros

Personagens:

Raquel: 25 anos.

Abraão: 30 anos.

Jacob: 40 anos.

QUADRO I

Em casa de Jacob, á hora do chá.

Raquel:—Porque insiste? Tem sido para mim sempre o mais dedicado dos amigos: não queira que eu mude de opinião sobre o seu caracter.

Abraão:—Ha uma coisa dentro de nós que vale mais do que a melhor amizade.

Raquel:—Bem sei. Acima da sua amizade está o amor de Jacob.

Abraão:—Maior do que o amor de Jacob é o amor de Abraão por Raquel...

Raquel:—Tome outra chavena de chá. Não quere? Faz mal. Precisa dominar os nervos.

Abraão:—Diga antes o coração.

Raquel:—Abraão, Abraão, tenha juizo. Tudo lhe perdoo, em nome da velha amizade que por si têm Jacob; mas que meu marido nunca saiba do que entre nós se está passando. Teria esta porta fechada para sempre, e teriamos, com certeza, um drama que poderia ser terrível...

Abraão:—Não seja cruel para mim. O meu coração guarda tesouros de ternura que a Raquel ignora, e que a fariam a mulher mais feliz do reino de Israel...

Raquel:—Eu sei, meu amigo. A ternura que se tem por uma mulher de vinte e cinco anos, bonita—porque não sou feia de todo, não é verdade? —e que passa por um modelo de elegancia na opinião dos homens...

Abraão:—Não me conhece, Raquel. Por si seria capaz de dar toda a minha vida...

Raquel:—E que faria eu da sua vida?

Abraão:—...Toda a minha fortuna... Raquel (rindo)—Toda a sua fortuna? Não acredito.

Abraão (com um nó na garganta)—Toda a minha fortuna disponível. (Segurando-lhe as mãos, e apertando-se)—Mando, e eu obedecer-lhe-hei; peça, e eu dar-lhe-hei.

Raquel:—A sua abnegação comove-me. Mas quero primeiramente pô-lo á prova.

(Segurando-lhe as mãos e aproximando na garganta)—Peça o que quiser... mas dê-me o seu amor.

Raquel:—Vou pedir-lhe, não a sua fortuna, porque seria para si um sacrificio escusado, mas apenas um millesimo da sua fortuna, como garantia das suas boas intenções. Fará o que lhe vou pedir?

Abraão (com a voz embargada pela comoção):—Peça... o que quiser...

Raquel:—Pois bem. Quero cinco libras. Para quem oferece a sua vida e a sua fortuna, não é nada. (Um silencio) Então?

Abraão:—Raquel que valem cinco libras ao pé do teu amor? Serão tuas... (Vai para beija-la).

Raquel levantando-se e afastando-o)—Ainda é cedo. Um beijo de Raquel, filha de Isaias, não é tão facil de conquistar... Venha amanhã mais cedo, Abraão. Dar-lhe-hei o beijo e provar-me-ha o seu amor...

QUADRO II

O mesmo scenario; os mesmos personagens. Raquel está estendida numa «chaise-longue», ricamente vestida... ou despida; decote oval, braços nus.

Abraão (entrando, afogado)—Raquel, meu amor!

Raquel (indo ao encontro de Abraão e pondo-lhe um dedo sobre a boca):—Chuti! Silencio, que as paredes têm ouvidos...

Abraão (tomando-a nos braços):—Meu amor, meu amor, eu sabia que este momento havia de chegar. Enfin, só! Ha tanto tempo o meu coração palpitava por ti, e o teu coração sempre gelado em face do meu. Mas eu sabia que este momento havia de chegar—e chegou!

Raquel:—Nós somos fracas... os homens são audaciosos... Loucuras que nós fazemos!

(Tremulos na orchestra e escuridão na sala)

QUADRO III

(O mesmo scenario. Raquel, depois Jacob. Raquel está estendida na «chaise-longue», fumando um «abdullah»; os olhos meio cerrados, acompanhando o fumo da sua imaginação).

Jacob (entrando):—Raquel! Raquel (acordando da sua «réverie» e lançando os braços ao pescoço do marido):—Jacob, meu amor, porque te demoraste tanto? E' já tão tarde...

Jacob:—Negocios, negocios, complicações... (Bruscamente) Ouve lá: o Abraão não veio cá deixar nada para mim?

Raquel (sobressaltada, mas procurando dissimular-o seu sobressalto):—O Abraão? Sim... efectivamente... realmente... esteve cá...

Jacob (satisfeito):—Bem, bem... E' que ele foi esta manhã ao escritorio pedir-me cinco libras emprestadas, para um pagamento urgente, e prometeu-me vir deixá-las esta tarde: cá em casa...

Raquel (mostrando-se tranquilla, mas forçando a nota):—Sim, sim, agora me lembro: deixou-me cinco libras. Tenho-as ali no quarto...

Jacob:—Logo vi. O Abraão é homem de palavra; e um bom amigo. E o jantar, está pronto?

Rideau

Carlos d'Agualva.

Comidas e bebidas



— Olha, a Dulce casou com o rei do arroz.
— Que grande coisa! Pois eu casei com um «az» da aviação e o az sempre vale mais do que o rei.



— Como trazem agua no bico com tanta elegancia estes cisnes dos Vitner's, que afinal foram cheios de vinho do Porto...



O que se diz e o que se não deve dizer...

Como os portugueses foram ao Porto comer o macarrão á italiana

Este triunfo da dobrada á moda do Porto sobre o macarrão á italiana foi de tal modo succulento que o cronista confessa-se empanturrado—e com muito maior disposição para erroar, do que para escrever.

De resto, tendo sido o match legitimamente ganho pelos players—os jornalistas são quem tem arrotado: postas de pescada, tardes de gloria, expoentes maximos, gloriosa jornada, etc., etc., etc.,

Após tantos anos de jejum... e ossoe—raiou, finalmente o dia da liberdade de encher a barriguinha de gloria e de dizer tolices, sem responsabilidade de maior!

Os Italianos entraram no ground do Ameal como triunfadores.

Visível superioridade atletica. Cada viga! e cada tronco! e cada pernoçal—que davam para o Antonio Bôto fazer vinte e dois sonetos sem sentir...

Saudaram o publico segundo as boas regras mussolinicas—de braço estendido. O Manuel Grillo, que estava na central, afirmava que eles tinham aprendido aquillo no Coliseu, num campeonato de luta greco-comica romana...

Parece que os portugueses tinham resolvido, entre si, fazer a primeira parte a dar tudo...

Só isto explica a escolha do campo com vento e sol a favor—e o facto de Jorge armar em quarto half-back.

Mas o certo é que a cavalgada das Walkkirlas deu o melhor dos resultados.

Não havia dezoito minutos de jogo quando o Waldemar appareceu quasi no meio do terreno e fez o primeiro goal.

Oito minutos depois, ha um centro da esquerda para Vitor Silva. Mas antes que este tivesse tempo de perceber bem como aquillo era arranjado, appareceu outra vez o Waldemar-furacão, para fazer o segundo goal, de cabeça!

O publico estava prestes a endoidecer em conjunto, quando os italianos conseguiram deitar um pouco de agua na fervura fazendo o seu unico ponto—uma especie de goal de amstra sem valor.

E, para conservar a panela morna, o arbitro invalida-nos o melhor remate da tarde. Atendendo a que naquele dia nós podiamos perfeitamen-

te dar goals de brinde—não se fala mais nisso—e viva a Belgica!

Quando chegou o intervalo, com o resultado de 2-1 a nosso favor, a opinião geral dos tecnicos das bancadas era:

—Agora, com sol e vento contra, yamo-nos abaixo. E, se empatarmos, já é uma grande sorte!...

Ora bolas para os tecnicos!

Segunda parte: Os Italianos descem. E', com certeza, a exhibição da afamada furia da squadra azurra. Mas, no meio daquela pavorosa surge, muito tranquilo,

e com as inevitaveis luvas, Sua Serenissima Alteza Carlos Alves, e despacha a bola.

Os Italianos voltam a atacar. Segunda edição da afamada furia da squadra. E, cada vez mais sossegado, Carlos Alves faz segunda edição do despacho.

Os Italianos tornam a carregar. Idem, idem, idem.

De modo que, ao fim de um quarto de hora, o unico resultado da afamada furia italiana foi o ficarem os Italianos furiosos.

E Vitor Silva apimenta a dobrada com mais um goal, marcado por pé de mestre.

Os subditos de Mussolini, na impossibilidade absoluta de o obrigarem a engulir um frasco de oleo de ricino,

resolvem apenas:—ser brutos. E o seu back esquerdo applica um tremendo sóco no center-forward lusitano.

E' a substituição daquele jogo que havia na feira de Santos—cada goal um tostão!—por uma variante: cada goal, um sóco nos queixos!

Até ao fim do desafio, Cesar notabiliza-se, jogando:—que chegou para uma casa de familia! E até jogou fora do terreno, ao receber a bola para os lançamentos da touche, exibindo uma serie de acrobacias perfeitamente espampanantes.

Faltavam dois minutos para o final quando surgiu mais uma vez o Waldemar-locomotiva. E poz um ponto final naquilo tudo, fazendo o quarto goal e matando o goal-keeper.

Como todos os jornais serios fizeram uma especial referencia ao Waldemar—sigamos-lhe as pisadas...

Aquilo não foi um Waldemar. Foi um Waldoceano Atlantico!

Ele não terá exibido sciencia superior á demonstrada em Lisboa. Mas o que mostrou foi uma destas coragens e vontades que chegavam para quarenta e quatro.

Na ubiquidade foi um autentico Santo Antonio. Estava na ponta e apparecia no centro a fazer goals—não fôsem os colegas rematar para as aguas furtadas, como é costume...

Para quem o viu em Lisboa só ha duas explicações:

—Ou nas bancadas do Ameal honroff foi ao Porto.

via uma espectadora a mais...

—Ou então, na vespera, o dr. Vo-

Quando os italianos entraram no campo, saudaram o publico, á Mussolini—de braços estendidos...

Saem de Portugal—bem enxertados...

E tão bem enxertados, que estamos em crer que a equipe não era formada por italianos—mas por napolitanos...

Rebola-A-Bola.

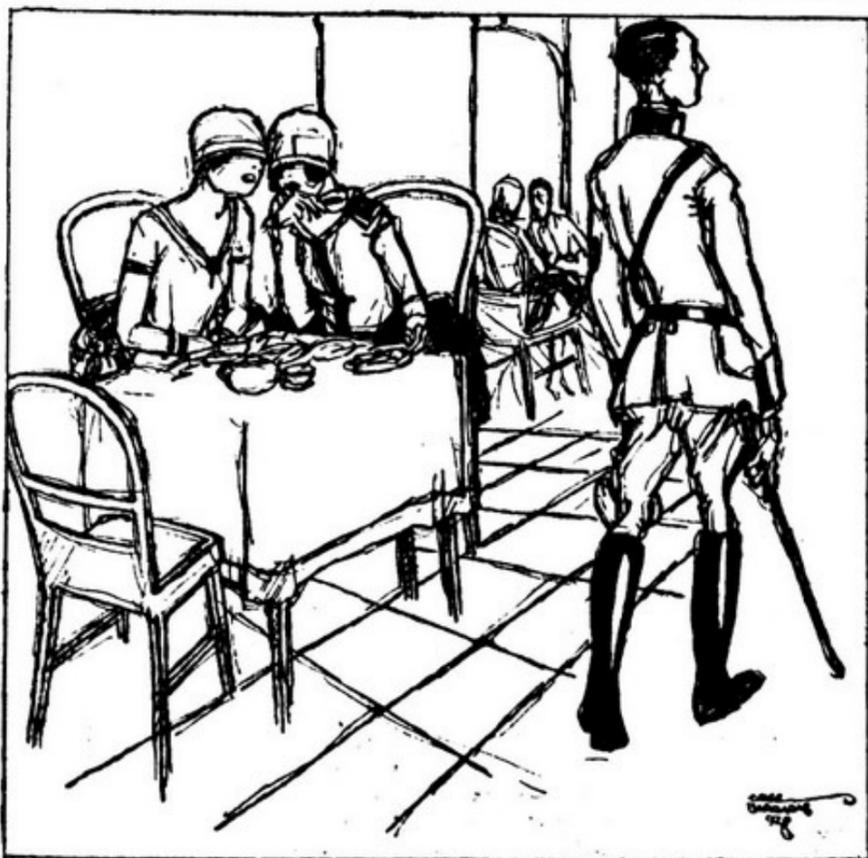
O Portugal-Italia



O nosso foot-ball, depois do encontro do Porto, já dá que falar...

7. Ex.º encontra na "GERMANA" os altimos figurinos, assim como todos os artigos de papelaria. Rua do Mundo, 115

As escavações no Chiado



—A ditadura deste militar é que me convinha para acabar com o parlamentarismo do meu marido.



Estado em que ficou um descuidado cidadão a quem perguntaram as horas e levaram o relógio.

CONTO MUDO

